

professor 'democrático' ou Os benefícios da autoridade (p.155). 'O cidadão relativista ou A dignidade da pessoa' (p.164). 'A lista de Schindler ou A fundamentação dos direitos' (p.186).

Os conceitos são transmitidos numa linguagem acessível e cativante, ilustrados com exemplos de vida humana, ora fundamentados nos episódios clássicos transmitidos pelos filósofos gregos da antiguidade, ora resgatados nos hilariantes fait divers contemporâneos. Desta forma, podemos encontrar, nesta obra, explicações justificativas acerca daquilo que 'nos acontece' e daquilo que 'podemos fazer' com o que nos acontece (diferença entre acontecimento e acção). Podemos também ver desmontados os conceitos de liberdade, escolha, responsabilidade, costume, problematizado o que é bom e o que é mau nas relações humanas, o que nos convém e o que não nos convém. Importa realçar que, apesar da quantidade e da diversidade de conceitos apresentados, estes ocupam um encadeamento lógico e exemplificativo, preenchendo um diálogo pleno de reflexão e crítica.

Não sendo um livro com o objectivo de incutir determinadas ideias morais às quais devemos obedecer, na verdade, incentiva a reflexão sobre o sentido da liberdade humana e a sua expressão nas relações sociais. O autor procura estimular o público jovem a pensar sobre os comportamentos quotidianos, a sua maneira de actuar, chamando a atenção para o facto de que a ética e a moral devem ter na sua base um sentimento emancipatório, livre e responsável. Para Román, desta forma, a ética funciona como 'mapas para orientar as escolhas' (p.27), em liberdade e com responsabilidade. No entanto, essas escolhas, não são simples, mas atravessadas por roteiros concretos e controversos, nomeadamente, o papel dos estímulos, o livre arbítrio e os instintos, o cumprimento das normas, a necessidade de fazer escolhas, as hierarquias, o poder, os direitos e os deveres, a felicidade, a fama e o mérito entre outros obstáculos e destinos.

De acordo com Marcos Román, a reflexão ética só tem sentido, porque a vida está por resolver e, nesse cômputo, transmite ao filho que 'Gostes ou não, ser pessoa consiste, precisamente, em fazeres-te pessoa cada dia. Compreendes a tua responsabilidade?' (p.31). Em resumo, fazer as escolhas acertadas é um dos problemas que qualquer huma-

no enfrenta diariamente. Desta forma, através de um discurso informal, claro e imaginativo, o autor encontra, no concreto e no quotidiano, o terreno para problematizar as questões em que se jogam a nossa responsabilidade e os nossos próprios valores éticos, dos quais nem sempre estamos conscientes.

Afinal o que é a ética? A ética é uma das disciplinas filosóficas acerca dos problemas que surgem do facto de vivermos em sociedade e das nossas acções terem consequências sobre as outras pessoas ou sobre outros seres. O pensamento ético debruça-se sobre valores como a liberdade, a justiça, a igualdade, e conceitos como o direito e o dever, a virtude e a felicidade, que podem ter influência nas nossas acções. Esta disciplina reflecte e enfatiza a discussão sobre o que é uma acção boa ou o que é uma acção má, que possa pôr em causa os direitos e deveres de cada um, tendo nós simultânea consciência e responsabilidade pelos nossos actos. Ou seja, a ética reflecte sobre a liberdade e a crítica da moral humana.

Por fim, a razão deste livro é a 'arte de bem viver' consigo próprio e com os outros, verdadeiro objectivo de toda a ética. No mundo de hoje, quando tanta gente confunde liberdade com espontaneidade, torna-se indispensável acentuar que uma vida autêntica e plena passa, necessariamente, pelo domínio de si mesmo, expresso, verdadeiramente, na relação com os outros. Apesar de os jovens serem o alvo das reflexões de Marcos Román, o alcance desta obra é mais alargado, na medida em que reúne, em breves páginas, a origem e a justificação dos problemas-chave da filosofia moral, explicitados de forma clara e entusiasta.

Rosa da Primavera Castro
Instituto Superior Miguel Torga

Filipa Subtil. 2006. *Compreender os Média: As Extensões de Marshall McLuhan*. Coimbra: Minerva. 180 pp. ISBN: 978-972-798-189-2.

No nº10 de *Interacções*, ao recensar um texto de Marshall McLuhan recentemente publicado no Brasil, assinala o facto de, no nosso país, o panorama editorial, relativamente à obra de McLuhan e sua recepção, ser pratica-

mente inexistente. Pois hoje tenho o grato prazer de comentar um excelente texto sobre McLuhan da autoria de Filipa Subtil, dado à estampa pela editora coimbrã *Minerva* que, na sua colecção *Comunicação*, conta com textos de grande qualidade.

Compreender os Media: As Extensões de Marshall McLuhan resulta de uma investigação de mestrado, cuja tese a autora defendeu no ISCTE em Março de 2003, e constitui, a meu ver, um trabalho de altíssima qualidade sobre a obra do autor canadiano, contribuindo também para repor nos seus devidos termos as ideias seminais de McLuhan, reduzidas, nos tempos que correm, a alguma banalidade.

Figura central da cultura dos anos 1960, nada faria supor que o professor de literatura inglesa, docente da Universidade de Toronto, católico praticante e avesso, no princípio da sua carreira académica, às circunstâncias da modernidade, elege-se os temas da técnica e da comunicação como os assuntos centrais do seu interesse. Contudo, e como bem nota Filipa Subtil, a abordagem que McLuhan faz destes temas é muito diferente daquilo que era, ao tempo, o estado da arte da investigação comunicacional. Na verdade, os estudos comunicacionais eram marcados, por um lado, pelas investigações empiricistas americanas, interessadas na quantificação de resultados e na compreensão da influência que os media exercem no público; e, por outro, pelos pensadores da Escola de Frankfurt, herdeiros do modelo de análise marxista, centrando a sua atenção nas relações entre os meios de comunicação de massa, o poder e os seus sistemas de dominação e cultura. As duas tendências, para além das enormes diferenças entre si, assentavam, porém, numa base comum: ambas partiam dos conteúdos dos meios de comunicação, isto é, das suas mensagens. Ora, o que McLuhan vem propor é uma espécie de mudança de paradigma, ao defender a tese segundo a qual aquilo que é determinante na actividade dos meios de comunicação é a forma, isto é, as suas modalidades técnicas e não os conteúdos de que são portadores.

Por outro lado, e considerando ainda a originalidade do pensamento de McLuhan face à tradição da pesquisa comunicacional, Filipa Subtil assinala que o que está em causa em McLuhan é, em bom rigor, menos uma teoria sobre os meios de comunicação de massas do que o estudo dos efeitos sociais

das formas de mediação em geral. Este é um aspecto decisivo, na medida em que, ao reenquadrar o pensamento mcluhaniano na análise da técnica, faz dos meios de comunicação um caso importante, sem dúvida, mas simultaneamente abre o discurso de McLuhan para a reflexão sobre o vasto campo das tecnologias, o que o transforma num dos poucos autores a pensar a experiência em função da técnica. Disso dá conta a autora quando cita McLuhan que afirma, na sua obra *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man* – acerca da passagem do mundo acústico para o novo ambiente tecnológico, em consequência da invenção da imprensa – que o seu interesse é a descrição ‘dos modos pelos quais as formas da experiência, da visão e da expressão mental têm sido modificadas’ (p. 71).

No livro de Filipa Subtil, o subtítulo *As Extensões de Marshall McLuhan* sugere, em primeiro lugar, a ideia matricial do pensamento de McLuhan, segundo o qual as tecnologias são extensões do corpo e da mente humanas, tema principal explicado pelo autor em *Understanding the Media: The Extensions of Man*. As tecnologias, consideradas como projecções ou prolongamentos do ser humano, teriam condições de afectar as formas sensoriais da percepção humana e, conseqüentemente, modificar todo o ambiente social. É neste registo que se pode entender o alcance do aforismo ‘o meio é a mensagem’, significando, segundo Subtil, que ‘a introdução de qualquer meio ou extensão no quotidiano humano, induz conseqüências psíquicas, perceptivas, sociais e sensoriais. Tal significa que quando é inserido na nossa vida corrente um determinado meio ou tecnologia, esse simples acto contém em si a sua própria mensagem que não é mais do que o processo de remodelação e ênfatização que induz’ (p. 74).

A mudança social é portanto, resultado do modo particular como as tecnologias afectam (massajam) os nossos sentidos e é, assim, que, com McLuhan podemos falar, intrinsecamente, de uma teoria sensorial da comunicação.

No entanto, a ideia de *extensão* inscrita no texto de Subtil tem também um outro significado, aquilo que podemos designar como a *galáxia McLuhan*, isto é, os seus elos, todos aqueles pensadores críticos recenseados pela autora (e são muitos) que discutem, de forma mais ou menos explícita, o pensamen-

to de McLuhan ou, pelo menos, analisam os temas sobre os quais ele também reflecte. Na verdade, com a publicação, nos anos 1960, dos textos maiores de McLuhan, *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man* e *Understanding the Media: The Extensions of Man*, as suas ideias desencadearam, desde logo, opiniões críticas apaixonadas, tanto pelo seu conteúdo original, como pelo seu discurso considerado, por muitos, como pouco académico e muito metafórico e literário. Precisamente, um dos aspectos mais fecundos do texto de Subtil é essa confrontação/ligação das ideias de McLuhan com os seus principais comentadores, e com outros autores que tomam a técnica como o centro dos seus discursos.

De entre os comentadores, destaco o americano James Carey que se esforçou, desde os anos 1960, em mostrar aos académicos a potencialidade crítica do pensamento de McLuhan, mas também, por exemplo, Jean Baudrillard, cujo conceito de *simulação* é tributário de McLuhan, reconhecendo que ‘o meio é a mensagem’ é a fórmula-chave da era da simulação” (p. 144). Baudrillard, ao analisar os media, chega, porém, a conclusões muito diferentes de McLuhan. Os meios de comunicação electrónicos e digitais, nomeadamente o computador, não condizem, segundo Baudrillard, à nooesfera de Theillard de Chardin – onde ‘tecnologia e teologia se associam para a constituição de um centro transcendente de unificação e personificação da humanidade’ (p.164) – corolário de uma suposta utopia informacional cristã, cujo operador tecnológico – a Internet – constituiria o centro e da qual McLuhan estaria muito próximo. Na visão distópica de Baudrillard, a cultura electrónica da comunicação não se aproxima da aldeia global, mas da inércia, silêncio e indiferença, nas sociedades contemporâneas.

Outra discussão importante do texto de Filipa Subtil é aquilo que a autora designa como escola canadiana da comunicação e da qual fazem parte McLuhan, Kerkhove, Spry, Grant e, em particular, Harold Innis (1894-1952), um economista e intelectual muito respeitado, pioneiro do pensamento sobre a globalização, a quem McLuhan muito deve, o que o próprio McLuhan reconhece, expressamente, em *The Gutenberg Galaxy*. Na realidade, Innis, quarenta anos antes de McLuhan, compreendeu bem a importância dos meios

de comunicação para a modificação da experiência do tempo e do espaço humanos, e as suas consequências para as transformações operadas na sociedade. No entanto, se Harold Innis influenciou McLuhan nesta intuição fundamental da importância da forma, a verdade é que McLuhan, como bem observa Filipa Subtil, se distancia radicalmente de Innis, ao considerar as tecnologias da informação não só no centro da cultura e da organização social, mas essencialmente ‘no *sensorium* e no sistema nervoso’ (p. 139), alargando o seu pensamento sobre a comunicação para registos insuspeitados na teoria económica e social de Innis.

Terminarei, de seguida, associando-me à crítica expressa por Filipa Subtil, na conclusão do seu livro, crítica dirigida à persistente dificuldade da investigação sociológica e também comunicacional em incorporar as novas direcções que os textos de McLuhan e de Innis abriram para o estudo dos meios de comunicação e da relação entre tecnologia, sociedade e a expansão do significado.

José Carlos Vasconcelos e Sá
Instituto Superior Miguel Torga

A.A. Long. 2006. *From Epicurus to Epictetus: Studies in Hellenistic and Roman Philosophy*. Oxford: Oxford University Press. 439 pp. ISBN: 978-0-19-927911-X.

‘Vazias são as palavras dos filósofos que não oferecem tratamento para o sofrimento humano’, escreveu Epicuro. E duplamente bem: porque é verdade, e porque, naquela época, os filósofos substituíam, com vantagem, os psicólogos. A. A. Long é uma lenda dos estudos clássicos e um interessado na articulação dos estudos clássicos com a psicologia e com a ética. Long nasceu em Manchester, tem 70 anos e é professor na Universidade de Berkeley, EUA. Não está traduzido em Portugal. Naturalmente: o mito da estupidez americana tem de ser convenientemente alimentado.

Com excepção do 17º ensaio – *Seneca on the self* – todos os outros já foram publicados anteriormente, mas aparecem revistos e actualizados nesta edição. Se quiséssemos simplificar – e irritar o Prof. Long – tudo se resume à velha cisão entre epicuristas e es-